

Gêneros Digitais: as TIC como possibilidades para o ensino de Língua Portuguesa.

Felipe LOPES de Lima¹
Gernei GÓES dos Santos²
Denize PICCOLOTTO Carvalho Levy³
UEA* e UFAM**, Manaus, AM

RESUMO

A sociedade atual se insere num contexto da digitalização das informações. Na escola, as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e as propostas pedagógicas devem se aliar na formação de sujeitos conscientes dos benefícios das ferramentas digitais para a prática discursiva. Neste trabalho, pretende-se investigar se os gêneros digitais podem configurar-se como ferramentas no ensino de língua portuguesa, desenvolvendo capacidades cognitivas dos alunos. Para alcançar os resultados, além da leitura de diferentes fontes escritas, realizou-se uma pesquisa de campo, através de questionário, cujo intuito foi diagnosticar como professores e alunos da rede estadual de ensino percebem a importância do uso de gêneros textuais eletrônicos em sala de aula. Após a tabulação dos dados e análise, verificou-se que, tanto sob a perspectiva dos autores consultados quanto sob a percepção de professores e alunos, tais gêneros podem ser ferramentas de ensino. Conforme os resultados obtidos, constatou-se a existência de empecilhos para o uso dos gêneros digitais em sala de aula, envolvendo problemáticas tanto de ações públicas voltadas à educação quanto de preconceitos de alunos em relação ao suposto prejuízo que esses textos poderiam trazer à norma culta da língua.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; língua portuguesa; gêneros textuais; TIC.

1 Graduado do Curso de Letras da UEA. Professor de Língua Portuguesa da Secretaria de Estado de Educação - Seduc, e-mail: fil.let@hotmail.com.

2 Mestrando do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM. Professor de Artes Plásticas da Secretaria de Estado de Educação – Seduc. Atua no GP: Estudos e Pesquisas em Arte e Tecnologia Interativa (membro), e-mail: gerneisantos@gmail.com.

3 Professora Orientadora: Professora do Depto. de Artes e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Pós-doutora em Tecnologia Educacional e Doutora em Educação pela *Universitat de les Illes Balears* (UIB); Mestre em Educação (UFAM); Mestre em Tecnologia Educacional (UIB); Atua nos GPs: Estudos e Pesquisas em Arte e Tecnologia Interativa (líder); Tecnologia Educacional (pesquisador); Ciência da Comunicação, Informação Design e Artes (pesquisador) e Conteúdos Digitais (pesquisador), e-mail: piccolo.tto.levy@gmail.com.

* Universidade do Estado do Amazonas.

** Universidade Federal do Amazonas.

Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e o ensino.

A sociedade atual, cada vez mais, faz uso de ferramentas e suportes tecnológicos, para executar diversas atividades do cotidiano. A velocidade com que os dados transitam nos meios de comunicação possibilita a otimização do tempo gasto, e as ferramentas oferecidas, não só pelos *softwares* como pela rede de informação, auxiliam na elaboração de trabalhos acadêmicos, na compra de produtos, no acesso a dados escolares, financeiros e pessoais. Na era digital, consulta-se um acervo das mais variadas áreas do conhecimento, realizam-se pesquisas e criam-se materiais cuja autoria, muitas vezes, é dos próprios usuários da rede de informações.

Para Castells (2003) a Internet já faz parte de nossas vidas como um tecido que, embora ainda não se saiba precisamente sobre suas dimensões sociais ou econômicas, é a base tecnológica para a forma organizacional da era da informação, denominada pelo autor, de rede. Sendo assim, a Internet iniciou um novo padrão de comunicação e também de cultura, portanto, “ser excluído dela é sofrer uma das formas mais danosas de exclusão em nível econômico ou cultural” (CASTELLS, 2003, p.18).

No tocante às pesquisas sobre a Língua Portuguesa no Brasil, percebe-se que grande parte dos estudantes tem baixos níveis de escrita e não lê fluentemente. Conforme relatório do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), cuja última edição foi em 2009, os brasileiros obtiveram a 53ª colocação com 412 pontos no quesito leitura, bem abaixo das médias de países desenvolvidos. Esse resultado, embora a pontuação tenha sido elevada em relação a edições anteriores, demonstra haver necessidade de desenvolvimento das capacidades de ler, escrever e refletir dos estudantes, fato que sempre traz à tona discussões acerca de como o ensino de Língua Portuguesa (LP) é aplicado nas escolas brasileiras.

Muitos estudos de práticas de ensino de LP têm sido desenvolvidos, porém, pesquisas revelam que a produção de textos e a formação de leitores autônomos ainda não alcançaram o patamar desejado. Assim, mediante as transformações tecnológicas digitais e, conseqüentemente, sociais, das quais professores e alunos também são sujeitos, é o momento de se considerar as TIC, como importantes possibilidades do ensino de LP, visto

que elas vêm transformando a maneira de ler, escrever e pensar, além do fato de esse material digital ter aceitação e ser constantemente utilizado por alunos e professores.

Conforme dados de pesquisa do Instituto Pró-livro⁴ realizada em 2008, 34,3 milhões de brasileiros estão lendo textos da internet. Semanalmente, os leitores brasileiros gastam 2h e 24min com textos cujo suporte é digital, contra 1h e 56min de textos que estão inseridos em livros impressos. Comungando desses novos fatos, Murano (2011, p.28) afirma que “*e-mails, blogs* e redes de relacionamento já deixaram sua marca na produção textual contemporânea”. Isso significa que apresentam peculiaridades próprias que já são assimiladas e reproduzidas pelos leitores e escritores de língua portuguesa.

Por outro lado, como caracteriza Silva (2008), o aluno de hoje evita textos cuja estrutura é, predominantemente, linear e fechada, uma vez que essa modalidade não permite qualquer tipo de interferência. De maneira oficial, esses textos digitais já estão adentrando, aos poucos, os espaços da educação brasileira. Portanto, já há necessidade de adequação do ensino às novas exigências da sociedade digital. A própria LDB, Lei 9.394/96, em seu artigo 36, propõe que o discente saia do Ensino Médio detendo “conhecimentos das formas contemporâneas de linguagem” (BRASIL, 2010, p.33).

Com as transformações trazidas pela era digital, têm-se novas configurações de texto, de leitura e de reflexão, materializadas no formato de *e-mail, chat, blog, Twitter*, etc. Esses recursos eletrônicos podem servir como ferramenta do ensino de LP, uma vez que são meios pelos quais a linguagem é realizada. Assim, é necessário que se conheçam suas peculiaridades e funções, visto que são gêneros textuais a serem utilizados com finalidades sociais distintas.

Outro aspecto a ser considerado é o fato de que se a era da Internet é aclamada como o fim da geografia, como sinaliza Castells (2003), faz-se necessário atentarmos à qual sentido de geografia o teórico se refere. Na concepção relativa a espaço, há de se observar que as relações produzidas pelos seres humanos sempre modificaram seus espaços por meio da interação. O convívio interativo entre as pessoas estimula as relações humanas existentes.

⁴ Retratos da Leitura no Brasil: <http://www.prolivro.org.br/ipi/publier4.0/texto.asp?id=1815>

A noção de espaço de Castells (1999) possui um sentido mais amplo, antropológico, como definido por Lévy (2010), constituído também em espaços afetivos, sociais e históricos, nos quais o indivíduo vivencia conforme sua proximidade particular. O encantamento que as TIC vieram exercer sobre as pessoas faz-nos refletir sobre seus impactos nas sociedades contemporâneas por meio da introdução de um novo tipo de cultura tecnológica planetária: **a cibercultura.**

Do ponto de vista de Santaella (2003), esses novos hábitos introduzidos pelos meios interativos não foram tão abruptos. Eles foram sendo introduzidos gradativamente pela cultura das mídias, ou seja, a televisão a cabo, o videocassete e o gravador já haviam iniciado a descentralização ao possibilitar maior diversidade e liberdade de escolha por parte do indivíduo.

Nessa interatividade introduzida pelo computador pessoal, cada um pôde se tornar produtor, criador, compositor, montador, apresentador, difusor de seus próprios produtos. Com isso, a sociedade de distribuição piramidal começou a sofrer concorrência da sociedade reticular de integração em tempo real, estabelecendo a cibercultura (SANTAELLA, 2003).

Em adição, Lemos (2008) afirma que “entramos na cibercultura como penetramos na cultura de massas, há alguns séculos. A cibercultura não é uma negação da oralidade ou da escrita, ela é o prolongamento destas”. A linguagem vive com a escrita, ela adquiriu uma memória autônoma. Digitalizada pelo alfabeto, essa memória conquistou uma eficácia universal. A escrita forjou seu próprio sistema de auto-reprodução por meio da imprensa. “A cada etapa da linguagem, a cultura humana torna-se mais potente, criativa e mais rápida” (LEMOS, 2008, p.15).

Gêneros Textuais Eletrônicos

A comunicação mediada pela língua falada ou escrita realiza-se pelos usos da linguagem, os quais, conforme Bakhtin (2003, p. 261), “são tão variados quanto os campos da atividade humana”. Os enunciados são expressos, de acordo com a função que exercem em determinado campo de atividade humana, suprimindo necessidades de interação.

Como o campo de conhecimento humano é grande e complexo porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana, os temas e assuntos variam de acordo com a área de conhecimento, sendo assim, a forma de apresentação desse conteúdo sempre fará jus aos tipos relativamente estáveis de enunciado ou simplesmente ‘gêneros textuais’, denominação a que se pretende recorrer nesta proposta. (BAKHTIN, 2003).

Os gêneros, de acordo com Marcuschi (2005), além de serem “construídos historicamente” e estarem cristalizados em determinadas culturas, são fenômenos sócio-discursivos e “formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”, uma vez que, consoante esse autor, a única maneira de se expressar verbalmente é através de um gênero; do mesmo modo, a comunicação só existe em formatos textuais, sejam orais ou escritos, excetuando-se casos específicos como o dos surdos, por exemplo, que ao invés de fazer uso de textos escritos ou falados, utilizam a língua de sinais, configurando textos diferentes das modalidades escritas e faladas.

Sendo as interações sociais realizadas verbalmente, percebe-se que os gêneros textuais são pressupostos para as práticas discursivas. Diante desse fato e das postulações até agora apresentadas, mais ainda, como também é pretensão deste artigo evidenciar que os gêneros digitais são ferramentas de ensino e aprendizagem de LP, torna-se relevante, no decorrer deste tópico, tecer considerações sobre a importância do estudo de gêneros textuais em sala de aula, uma vez que o contato com diferentes textos torna possível o esclarecimento de suas estruturas, bem como de suas funções.

Nesse sentido, é imputado à escola o dever de ensinar o aluno a fazer uso da linguagem, para que a utilize em suas práticas sociais que, ressalte-se, ultrapassam os limites de um prédio escolar. Em adição, os PCNs de LP deixam claro que, desde o ensino básico, é importante a abordagem dos gêneros textuais em sala de aula, não apenas porque são canais discursivos que tornam a linguagem possível “mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas” (BRASIL, 1998, p. 23), multiplicando-se, conforme novos modos de se comunicar, uma vez que eles são:

[...] altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (MARCUSCHI, 2005, p.19).

Portanto, se faz necessário buscar alternativas condizentes com as ‘exigências’ e com os hábitos da sociedade. No atual contexto, a utilização das TIC como *e-mail*, *chat* e *blog*, em sala de aula, é pertinente, pois, como já afirmavam os PCNs de ensino fundamental, “é preciso que situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizam os usos públicos de linguagem” (BRASIL, 1998, p.24), mesmo porque os estudantes já utilizam esses gêneros eletrônicos, constantemente. Aliás, a intenção do gênero é, prioritariamente, efetivar o uso da linguagem.

Conforme afirmam Koch & Elias (2009, p.59-60) baseadas nos conceitos bakhtinianos, são três os aspectos fundamentais de um gênero:

Se pensarmos, por exemplo, no gênero cartão postal [...] sobressaem em sua composição os seguintes elementos: destinatário, informação contida em um campo à parte, além da saudação inicial, mensagem, saudação final e assinatura. O **conteúdo temático** diz respeito ao tema esperado no tipo de produção em destaque e o **estilo** está vinculado ao tema e conteúdo.

Em outras palavras, **plano composicional** diz respeito aos elementos estruturais de um determinado modelo; **conteúdo temático** trata do tema presente em cada gênero textual – aproveitando o exemplo de cartão postal, trazido acima por Koch & Elias (2009), pode-se inferir que esse modelo apresenta conteúdo pessoal, no mínimo relacionado a viagens – por último, o **estilo** condiz com a maneira como conteúdo e tema serão expressos por meio das escolhas linguísticas. Esse elemento se relaciona com a função social do gênero, isto é, se for de cunho científico, oficial ou publicitário, o campo de atividade humana atribuirá condições discursivas específicas aos modelos textuais, portanto, o estilo:

[...] é indissociável de determinadas unidades temáticas e [...] de determinadas unidades composicionais: de determinados tipos de construção do conjunto, de tipos do seu acabamento, de tipos da relação do falante com os outros participantes da comunicação discursiva – como ouvintes, os leitores, os parceiros, o discurso do outro, etc. O estilo integra

a unidade de gênero do enunciado como seu elemento (BAKHTIN, 2003, p.266).

Em se tratando das TIC, os modelos de enunciado advindos com a ‘era digital’ estão em evidência. Tratam-se, portanto, de gêneros que surgiram de outros, pela necessidade de interação ou de uma ‘adaptação’ dos já existentes. Os gêneros da *e-comunicação*, comunicação eletrônica, foram criados e adequados ao discurso digital, surgindo, segundo Freire (2003, p.67) “formas linguísticas características desse círculo de interação”, isto é, uso de *emoticons*, texto não linear, uso de vídeos e sons na composição de certos gêneros, textos que são escritos em tempo real ou não, dentre outras características. Por esse motivo, devem-se tratar as TIC como determinantes de novas condições de variadas práticas sociais, inclusive as comunicativas, uma vez que:

[...] não é difícil constatar que nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias *per se* que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias (MARCUSCHI, 2005, p. 20).

Nesse sentido, retorna-se ao pensamento de Lemos (2008) ao explicar que a linguagem é a grande mola propulsora da evolução humana. Acompanhando o progresso das mídias, os espaços culturais multiplicaram-se e enriqueceram-se em novas formas.

Do mesmo modo, a transmutação do gênero que sofre modificações originando outros reconfigurados é um fenômeno natural que ocorre conforme as condições e necessidades de práticas enunciativas. Daí seu caráter sócio-discursivo, pois atende a necessidades de interação de determinada época. Esse processo de transformação pode ser considerado como um processo auto-regenerativo, ou autopoietico.

Morin (1988) apresenta a própria cultura como um sistema que se concebe e se renova com as mudanças de ambiente e da própria realidade atual:

A cultura [...] é um sistema submetido a princípios equilibradores-desequilibradores, que tende, por sua própria natureza (inclusive sua relação específica com a sociedade moderna), a perdurar e a

renovar-se. O sistema deve conceber-se segundo uma analogia biológica: tem necessidade de quase-enzimas para se renovar, e é a “criação” que desempenha esse papel enzimático (p.86).

Na contemporaneidade, é impossível manter-se alheio às influências do mundo digitalizado. À medida em que as pessoas se comunicam e existem dentro desse contexto, as formas de cultura se modificam, provocando a reinvenção das ações de consumo e das rotinas.

Ainda tratando de autopoiese, Passarelli reitera que:

Um sistema autopoietico organiza-se como uma rede de processos de produção (transformação e destruição) de componentes que produzem componentes que continuamente se regeneram e realizam uma nova rede de processos e relações, produzindo através de suas interações e transformações uma unidade concreta no espaço no qual eles (os componentes) existem (2007, p.50).

Pode-se afirmar que o processo de utilização das TIC para as aulas de LP é um processo autopoietico. Por meio da interação/relação constitutiva e construtiva entre professores e alunos, mantém-se sua autonomia enquanto sistema vivo de comunicação, desenvolvendo a capacidade de se reinventar, demonstrando que os sistemas vivos se adaptam ao ambiente e suas perturbações sem deixar de ser o que são. Logo, a autopoiese se dá por meio de processos pelos quais um sistema produz sua própria organização e se mantém num espaço, preservando sua autonomia.

Analizando a comunicação eletrônica, Marcuschi (2005) apresenta alguns gêneros digitais e seus respectivos predecessores. Para o *e-mail*, ele aponta a carta pessoal, o bilhete e o correio, como seus antecedentes; já para o gênero ‘aula-chat’ (aulas virtuais), o correspondente é o gênero ‘aula presencial’; finalmente, o *blog* teria sua origem no diário pessoal, anotações e agenda.

No entanto, por mais que os modelos eletrônicos se assemelhem a gêneros tradicionais, ou que "parecem projeções ou transmutações de outros como suas contrapartes prévias" (MARCUSCHI, 2010, p.35), os gêneros digitais possuem peculiaridades na linguagem, no suporte e nas condições de uso que não são encontradas nos modelos convencionais, uma vez que:

Esses gêneros que emergiram no último século no contexto das mais diversas mídias criam formas comunicativas próprias com um certo *hibridismo* que desafia as relações entre a oralidade e a escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica ainda presente em muitos manuais de ensino de língua. Esses gêneros também permitem observar a maior integração entre os vários tipos de semioses, signos verbais, sons, imagens e formas em movimento. A linguagem dos novos gêneros torna-se cada vez mais plástica [...] (MARCUSCHI, 2005, p.21).

Por ser delimitado o espaço desta proposta e, por conseguinte, ser inviável tratar das características dos gêneros textuais, de maneira ampla, elege-se o *blog* como recorte dos gêneros digitais, para que sejam observadas suas características e possibilidades no ensino de LP. Assim, os *blogs* já são considerados modelos relativamente estáveis, com peculiaridades digitais, pois:

[...] têm uma história própria, uma função específica e uma estrutura que os caracteriza como um gênero, embora extremamente variados nas peças textuais que albergam. Hoje, são praticados em grande escala e estão fadados a se tornarem cada vez mais populares pelo enorme apelo pessoal. (MARCUSCHI, 2010, p.71).

A palavra *blog* é uma redução de *weblog* (*web*: rede de computadores e *log*: diário de bordo de navegantes). O termo foi criado por Jorn Borger, em 1997, “para descrever sites pessoais que fossem atualizados frequentemente e contivessem comentários e links” (SARTORI, 2003, p.2). De forma simplificada e atual, segundo o Dicionário de Comunicação elaborado por Rabaça e Barbosa (2001), o gênero textual mencionado, bem como sua função podem ser definidos da seguinte maneira:

[...] Com objetivos de entretenimento, profissionais, acadêmicos e outros, o *blog* é uma ferramenta de comunicação que dá suporte à interação de pequenos grupos por meio de um sistema simples e fácil de troca de mensagens, podendo ser utilizada pelos membros de uma família, uma empresa ou qualquer instituição [...] alguns *blogs* contêm listas de **links** e comentários sobre outros sites, outros divulgam notícias de uma empresa, outros são como diários pessoais ou álbuns de fotos, outros publicam poesia, pequenos ensaios, textos de ficção, comentários do dia-a-dia, reflexões, idéias e opiniões (Rabaça e Barbosa, 2001, p.74).

Partindo-se do pressuposto de que o gênero digital em questão é usado para expressar conteúdos de diferentes áreas do conhecimento, afirma-se haver a possibilidade de os *blogs* servirem a variados fins educativos, pois “podem ser utilizados por professores para desenvolver projetos escolares colaborativos” (LEITE *et al*, 2009, p.70), isto é, em qualquer projeto de ensino que utilize as tecnologias, são sujeitos construtivos desse processo tanto o professor quanto o aluno.

Comungando da ideia acima, Recuero (2009) classifica o *blog* como “apropriado”, pois seria espaço de construção e exposição de conteúdo. Aponta ainda a questão da afetividade, por entender que rede social se refere a um conjunto de pessoas, organizações ou entidades conectadas por relacionamentos sociais, motivadas por algum interesse, seja pelo compartilhamento de informações, por relações de trabalho, ou interação social.

Portanto, em se tratando do ensino de LP, o educador deve oferecer ao educando conhecimentos tanto da ferramenta tecnológica, quanto dos aspectos da língua a serem desenvolvidos num plano de trabalho. Em contrapartida, o estudante é igualmente sujeito, porque, em termos de construção de *interface*, ele será responsável pela elaboração desse gênero; pela publicação dos *posts*, postagens realizadas pelo criador do *blog*, e pelos comentários. Por conseguinte, Leite (2009, p.70) ainda reforça que “como a interação entre os participantes pode facilitar o processo de construção de conhecimento coletivo, esta tecnologia pode ajudar a formar redes sociais e redes de saberes [...]”.

Segundo Kenski (2010, p.122) os *blogs* “podem servir como espaços construídos por todos os participantes de uma disciplina”. Ainda conforme essa autora, os integrantes de um *blog* grupal, como o que trate de LP, por exemplo, “podem colocar resumos, anotações, exercícios e tudo o que for de seu interesse”. Nesse sentido, a construção de um *blog* voltado à disciplina de LP é uma prática válida, porque os alunos estarão participando de um processo de ensino-aprendizado inovador que possibilita a autonomia na elaboração do ambiente, bem como dos conteúdos a serem postados pelo blogueiro.

Acrescentando, Kenski (2010) afirma ainda que os estudantes, fazendo uso desse gênero digital, podem interagir com outros alunos e visitantes de seu *blog*, recebendo informações e oferecendo apoio, para fins escolares. Depois de criados os textos e as páginas, os

conteúdos são lidos, ficando a apreciação alocada no campo ‘comentários’ cujos autores podem ou não ficar no anonimato. A intenção dos comentários, dentro de uma proposta pedagógica, é a de que professores e alunos interajam entre si, construindo uma rede de conhecimentos, promovendo a interação mútua entre emissor e receptor.

A construção desse gênero pode começar a partir do contato entre o aluno (interagente da *web*) e o programa que vai dar formato ao *blog*. Em seguida, são apresentados aos blogueiros vários modelos e recursos que vão compor a página de apresentação na *web*. Para isso, antes de ser construído ou, durante o processo de elaboração, o aluno deve perceber as principais características que constituem esse gênero. Em seu **plano composicional**, estão presentes textos escritos; recursos áudios-visuais, campo “comentários”; campo “data/hora”; além do “contador de acesso”. Quanto ao **conteúdo temático**, o *blog* pode abarcar temas de cunho pessoal, institucional de empresas privadas ou públicas, de escolas, de universidades, etc.

Por último, o elemento **estilo** desse modelo é dinâmico e flexível, tanto pelo aspecto estrutural como pelo de relação sócio-discursiva. Desse modo, o estilo do *blog* é constituído por ser elaborado por qualquer usuário, portanto por qualquer aluno; por elencar diversas temáticas; por possuir o recurso de comentários, contagem de acessos, bem como os *posts*, cronologicamente dispostos na estrutura do texto.

Destarte, compreende-se que o *blog* é uma ferramenta de ensino e aprendizado de LP por todos os recursos nele encontrados e por apresentar estrutura de fácil assimilação. No entanto, é necessário elucidar que, tanto o professor quanto o estudante, devem estar cientes das finalidades dessa proposta, para que não ocorra evasão do enfoque educativo.

Tanto a interação quanto a constituição de laços sociais somente são possíveis por meio de conexão. Em linhas gerais, as conexões são constituídas dos laços sociais, que por sua vez, são formados através da interação social entre atores. Recuero (2009) afirma que essas interações, na Internet, são percebidas graças aos rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. Um comentário em um *blog*, por exemplo, permanece visível até alguém o apagar ou optar pela ferramenta sair. Assim acontece com a maior parte das interações que,

de certo modo, são fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador, mesmo distante no tempo e no espaço, a percepção dessas trocas sociais.

RESULTADOS ESPERADOS

Entende-se que, ao discorrer-se sobre a necessidade da inserção das TIC no ensino de LP, o *blog*, conforme demonstrado anteriormente, pode ser uma das ferramentas de ensino, por ser facilmente assimilado pelos alunos. Percebe-se, portanto, que essas ferramentas se mostram como possibilidades de ensino, ainda mais, partindo-se do pressuposto de que “as tecnologias da comunicação e informação e seu estudo devem permear o currículo e suas disciplinas” (BRASIL, 2000, p.12), isto é, devem estar indissociáveis das práticas escolares.

Verifica-se que a literatura atual aponta para os efeitos positivos do uso dos gêneros digitais no ensino. A fim de verificar se tais tecnologias e suas linguagens são frequentes no espaço educacional, aplicou-se um questionário para professores e alunos e buscou-se evidenciar qual a percepção desse público em relação aos gêneros digitais como possibilidade pedagógica, verificou-se também que, tanto sob a perspectiva dos autores consultados quanto sob a percepção de professores e alunos, tais gêneros podem ser ferramentas de ensino.

Conforme os resultados obtidos, constatou-se, ainda, a existência de empecilhos para o uso das TIC, em sala de aula, envolvendo problemáticas tanto de ações públicas voltadas à educação quanto de preconceitos de alunos em relação ao suposto prejuízo que esses gêneros textuais eletrônicos poderiam trazer à norma culta da língua. Por fim, percebeu-se que integrar a tecnologia nas aulas não é simplesmente fazer uso do computador ou da ferramenta *blog*. Para que a integração com o currículo seja efetiva, necessita-se de uma investigação que mostre um aprofundamento e melhoramento do processo de aprendizagem, além de ser necessário apoiar quatro conceitos-chave do ensino: participação ativa por parte do estudante; interação de maneira frequente entre o professor e o aluno; participação e colaboração em grupo e conexão com o mundo real.

Considerando os pressupostos dos teóricos citados e a reflexão incitada pela pesquisa de campo, este artigo propôs, mediante recortes, o estudo de um tema atual e, assim como Marcuschi (2005) trata o *blog*, dentre os outros gêneros textuais eletrônicos, emergente. Emergente pelo fato de esses gêneros eletrônicos terem surgido com a mesma velocidade com que emergiram as novas necessidades sociais e comunicativas, advindas com a era da digitalização, e emergente, ainda, pela escassez de estudos sobre as TIC.

Logicamente, essa experiência relatada não se fecha aqui, pois são grandes as possibilidades de se observar as constantes mudanças.

Do todo este foi um instante.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discursivo. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **Parâmetros nacionais de qualidade para o ensino médio**. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2000. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>>. Acesso em: 15 de abril de 2011.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** nº 9.394, de 20.12.1996. Disponível em: <http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1> 5. ed. 2010. Acesso em: 15 de abril de 2011.

_____. **Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais**: Pcn+ Linguagens, códigos e suas tecnologias. MEC, 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em 15 de abril de 2011.

_____. Instituto Prolivro. **Retratos da Leitura no Brasil**. Disponível em: <<http://www.prolivro.org.br/ipl/publier4.0/texto.asp?id=1815>> Acesso em 11. Abr. 2011.

_____. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Dados do Pisa 2009**. Disponível em: < <http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00001872.pdf>> Acesso em 20.Abr.2011.

CASTELLS, Manuel. A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, negócios e a sociedade. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6 ed. v. 2, São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Fernanda M. P. Formas de materialidade lingüística, gêneros de discurso e interfaces. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (Coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas: Papirus, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

LEITE, Lúcia Silva (Coord.). **Tecnologia Educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LEMOES, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____, André. Prefácio. In: RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra (orgs.). **Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia no ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2010.

_____, Pierre. As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

_____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (orgs) **Hipertextos e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: necrose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

MURANO, Edgard. **O texto na era digital**: para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos. *Língua Portuguesa*. São Paulo, v. 5, n. 64, p. 28-31, fevereiro, 2011.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

RECUERO, Raquel. Rede sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

_____, Raquel; AMARAL, Adriana; MONTARDO, Sandra (orgs.). Blogs.Com: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

SANTAELLA, L. Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SARTORI Filho, J.P. **Sobre sites**. Disponível em < <http://web.archive.org/web/20021004123643/http://www.sobresites.com/blog/index.htm>>, acesso em 06. jun. 2011.

SILVA, Marco. Os Professores e o desafio comunicacional da cibercultura. In: FREIRE, Wendel (org.) **Tecnologia e educação**: as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2008.